

# O Conflito na Líbia: análise e perspectivas

Maria Julia Pantano

Maria Carolina Cisotto Bozzo<sup>1</sup>

## INTRODUÇÃO

Inserida em um contexto de forte instabilidade econômica, política e social, a Líbia foi um dos países envolvidos na denominada “Primavera Árabe” (2010-2012) em que uma série de revoluções eclodiu em mais de 10 países norte-africanos e do Oriente Médio. Em território líbio, os protestos contra o governo de Muammar Gaddafi, chefe de Estado desde 1969, se iniciaram em fevereiro de 2011 e evoluíram para oito meses de conflito civil, envolvendo intervenções internacionais e culminando na deposição e morte do presidente<sup>2</sup>.

A intervenção internacional ocorrida na Líbia é tida como um “modelo a ser seguido” para ações futuras. A grosso modo, foi apresentada como “uma coalizão poderosa de potências militares benevolentes, interessadas apenas em ajudar uma população oprimida a alcançar aspirações legítimas, protegendo civis indefesos sem o uso de uma força de invasão ou uma longa ocupação militar, e causando o mínimo de danos colaterais”<sup>3</sup>. Entretanto, se observarmos a situação em que se encontra o país atualmente, em estado de completa calamidade econômica, social e política, enfrentando constantemente ondas de violência acentuada, é possível perceber que o problema da Líbia, assim como os da maioria dos países africanos, não está concentrado em uma “falta de democracia e liberdade”, mas sim em todo seu contexto de formação. É

possível compreender, também, que, a intervenção contribuiu, na verdade, para o agravamento da crise na Líbia, criando apenas uma ilusão temporária de melhora, uma vez que ocorreu em meio a um conflito de alta complexidade, utilizando um modelo ocidental de intervenção. Assim sendo, a fim de entender mais a fundo a conjuntura em que se inseria a Líbia em 2011, é necessário observar sua trajetória que envolve o período de colonização, monarquia e o regime de Gaddafi.

## RESUMO HISTÓRICO

A Líbia está localizada no norte da África, sendo banhada pelo Mar Mediterrâneo e

fazendo fronteira com 6 países: Tunísia, Argélia, Níger, Chade, Sudão e Egito<sup>4</sup>. O país é formado pelas antigas províncias de Tripolitânia, Cirenaica e Fezã, colonizadas pelo Império Otomano desde o século XVI.<sup>5</sup> As três regiões são marcadas por um forte regionalismo e grande diversidade étnica e cultural, contando com a presença de diferentes tribos. Este fator, certamente, contribuiu para a formação do conflito em 2011.<sup>6</sup>

Além disso, quando observamos seu histórico, é possível perceber que a região que hoje forma a Líbia não possuiu durante muito tempo sua própria autonomia e que sua população nunca teve, de fato, voz ativa em sua administração. Primeiramente, foi



Mapa das províncias tradicionais da Líbia. Autor: Bourrichon, 28 nov. 2017.

Fonte: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Map\\_of\\_traditional\\_provinces\\_of\\_Libye-pt.svg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Map_of_traditional_provinces_of_Libye-pt.svg)

colonizada e administrada pelo Império Otomano. No início, o território era mantido apenas como uma fonte de coleta de impostos e, posteriormente, temendo a perda do controle de suas colônias para outras potências europeias, o Império passou a exercer um controle mais acentuado<sup>7</sup>. Essa tentativa foi recebida com extrema desaprovação pela população local, que respondeu com revoltas que se formaram em todo o território líbio por grupos islâmicos e não islâmicos. Um desses grupos, Sanusi, fundado por Sayyid Muhammad ibn Ali al-Sanusi na região da Cirenaica, seguindo os preceitos do Islam, surgiu com o objetivo de impedir que a dominação francesa na região do Magrebe se expandisse para a província e combater práticas que não estivessem de acordo com a religião<sup>8</sup>.

Em 1911, quando a Itália iniciava sua invasão ao território, o grupo, ainda com o objetivo de repelir os franceses, se associou brevemente ao governo italiano, conseguindo o financiamento de armas. Posteriormente, em 1912, quando as três províncias foram tomadas do Império Otomano e se iniciou a colonização italiana na região, os Sanusi se mostraram como uma forte resistência, se associando ao governo britânico, quando o então futuro rei da Líbia, Sayyid Ídris al-Sanusi, assumiu sua liderança. Após a II Guerra Mundial, a Organização das Nações Unidas (ONU) criou o Reino Unido da Líbia, unificando os três territórios e providenciando a independência do Estado líbio em 1951. O governo do Rei Ídris I, que se seguiu, contribuiu para o crescimento da marginalização da população e exclusão política e social, que já haviam sido notáveis durante a colonização italiana. Isso ocorreu especialmente após a descoberta de petróleo nas terras do país, que, ao invés de proporcionar um maior desenvolvimento econômico, acabou gerando mais concentração de renda e financiando alianças entre famílias e tribos para garantir o apoio à monarquia. Em suma, o governo de Ídris I não possuía legitimidade fora da região de Cirenaica, além de ser ineficiente na reconstrução de um sistema político e social que unisse o país<sup>9</sup>.

Em 1969, jovens militares revolucionários, inspirados por um nacionalismo árabe, foram os protagonistas do golpe de Estado que

transformou o país em uma República. O principal responsável pela revolução e presidente do Conselho do Comando Revolucionário era Muammar Gaddafi, que governaria a Líbia por 42 anos, até a intervenção de 2011<sup>10</sup>.

O governo de Gaddafi foi muito marcado pelo pan-africanismo e nacionalismo árabe, possuindo, no início, tendências “socialistas” em algumas de suas medidas, o que gerava tensões com países ocidentais. Em meio a um país com uma população quase completamente analfabeta e pobre, Gaddafi começou a investir em medidas sociais nas áreas da educação, moradia, transporte, infraestrutura e saúde, além de nacionalizar as instituições financeiras, as reservas de petróleo e controlar a imprensa<sup>11</sup>. Na década de 70, estes programas já demonstravam resultados, exibindo um país com uma maior taxa de alfabetização, melhoras na economia e na qualidade de vida da população. Em contrapartida, outro aspecto muito forte de seu governo foi o “anti-tribalismo”, que acabou se tornando, após um tempo, uma perseguição e fortíssima repressão das populações berberes e muçulmanas do leste do país, além de favorecer, especialmente, a própria tribo de Gaddafi, que manteve alta influência política durante todo seu governo.

A maior parte da oposição de Gaddafi estava localizada na região da antiga Cirenaica e algumas das principais revoluções ocorreram em sua capital, Benghazi. Esta cidade também foi palco dos maiores massacres e violações do governo de Gaddafi, além de sediar o

início da revolução em 2011, iniciada em 15 de fevereiro, no aniversário de 15 anos da chacina na prisão de Abu Salim, na qual mais de 1200 prisioneiros foram assassinados, sendo a maioria muçulmana e originária da cidade de Benghazi<sup>12</sup>. Os protestos foram fortemente reprimidos pelas forças de Gaddafi, que fizeram “uso indiscriminado de armas letais contra os que protestavam pacificamente”<sup>13</sup>. Após alguns dias de protestos, repressão e claras ameaças feitas pelo presidente aos opositores, o Conselho de Segurança da ONU aprovou a Resolução 1970, com o objetivo de proteger os civis, e condenou as violações dos direitos humanos que estavam ocorrendo naquele momento. Por meio dela, foram implementadas diversas sanções contra o país (embargo de armas, proibição de viagens, etc.), que acabaram não sendo efetivas para conter o conflito. Assim, já em março, foi aprovada a Resolução 1973, que dava “carta branca” aos países membros da ONU para tomarem as medidas necessárias para controlar a complexa situação de segurança que envolvia a Líbia naquele momento. Em seguida, EUA, França e o Reino Unido iniciaram a “Operação Protetor Unificado”, bombardeando as forças de Gaddafi. A gerência dessa operação foi, posteriormente, assumida pela Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN). Finalmente, após oito meses do conflito que deixou o país devastado, as forças opositoras executaram Muammar Gaddafi e tomaram o poder, com o apoio da OTAN<sup>14</sup>.



Protestos contra Gaddafi em Dublin, Escócia. Autor: William Murphy. 19 mar. 2011.  
Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Protest\\_In\\_Dublin\\_Gaddafi\\_Is\\_A\\_Murderer.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Protest_In_Dublin_Gaddafi_Is_A_Murderer.jpg)

## TRIBALISMO E GRUPOS ARMADOS NOS CONFLITOS

Como Al-Hamzeh Al-Shadeedi e Nancy Ezzeddine (2019) citam em seu artigo *“Libyan tribes in the Shadows of War and Peace”* “cerca de 90% do total da população está ligada a uma tribo, enquanto apenas 10% não estão ligados organicamente a qualquer tribo, principalmente nas cidades do norte da Líbia”<sup>15</sup>. Sendo assim, tanto antes como após os eventos de 2011, as tribos líbias desempenharam um papel fundamental no cenário político do país. A grande importância desses atores tribais foi notada por Gaddafi durante o processo de revolução de 1969, o que ficou claro na maneira como o poder legislativo foi distribuído localmente e como Gaddafi conciliou sua política com os líderes locais, evocando principalmente o sentimento de pan-arabismo e buscando suprimir conflitos e diferenças entre tribos e etnias, que pudessem impedir a estabilidade do seu governo.

Após a chamada revolução cultural em 1973, a União Socialista Árabe foi gradualmente substituída por um sistema de milhares de conselhos locais eleitos pelo povo, denominados de “Comitês do Povo”, e mais tarde, um sistema de “Congressos Populares” compreendendo o “Congresso Geral do Povo”. O GPC detinha oficialmente toda autoridade legislativa na Líbia e foi projetado para substituir o RCC (Conselho de Comando Revolucionário) por democracia direta e autogoverno local.<sup>16</sup>

Gaddafi também distribuiu cargos-chaves nas forças armadas à membros de tribos aliadas, em um sistema de distribuição de favores de cima para baixo, e buscou suprimir grupos que possuíam uma relação política mais estreita com o antigo governo do rei Idris, situados principalmente em Benghazi e no leste da Líbia, regiões que não receberam alguns benefícios de seus projetos sociais públicos e que, posteriormente, seriam o palco principal de motins e levantes populares. Al-Hamzeh Al-Shadeedi e Nancy Ezzeddine (2019) ressaltam que Gaddafi também intensificou e explorou lutas tribais, fomentando rivalidades entre tribos de uma mesma área. A fragmentação tribal também foi introduzida deliberadamente no aparelho de segurança do ditador<sup>17</sup>.



Multidão reunida em frente ao tribunal de Benghazi contra o regime de Gaddafi. Autor: Al Jazeera English, 25 fev. 2011.

Fonte: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Benghazi\\_-\\_Flickr\\_-\\_Al\\_Jazeera\\_English\\_\(1\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Benghazi_-_Flickr_-_Al_Jazeera_English_(1).jpg)

Gaddafi logo recorreu à manipulação do tribalismo da Líbia por meio do favoritismo e da supressão total dos berberes, tribos minoritárias e islamistas no leste. Cargos governamentais e empregos bem remunerados eram frequentemente dados a membros do grupo étnico de Gaddafi ou outro membro de outra grande tribo com constituintes estrategicamente importantes. Em última análise, apesar de se casar com uma mulher de uma tribo politicamente importante no leste, as fortalezas de Gaddafi eram principalmente na Tripolitânia, enquanto a maioria de seus inimigos estavam concentrados na Cirenaica, que possuíam laços mais estreitos com o governo do rei Idris(...) <sup>18</sup>.

Com a derrubada de Gaddafi e, conseqüentemente, a descentralização do poder na Líbia, o país se tornou ingovernável e fragmentado, criando um vácuo de poder que fora ocupado por tribos e unidades paramilitares. Siebens e Case (2012) ressaltam que até mesmo o exército nacional não era reconhecido como mais do que uma dessas unidades, nem mesmo o Conselho Nacional de Transição (NTC, na sigla em inglês), principal e maior grupo opositor ao regime de Gaddafi e responsável pelas principais alianças com o Ocidente, conseguiu criar um regime de transição seguro que unisse as diversas tribos ou os civis líbios em sua totalidade na construção de um novo Estado. Grande parte disso se deu graças às forças internacionais da OTAN e outras entidades, que não possuíam

um plano de governo concreto a ser instaurado após a queda de Gaddafi. Embora o NTC tenha sido reconhecido por alguns países e ocupado o assento na Assembleia Geral das Nações Unidas, ele apenas controlava algumas regiões, mantendo essa situação até as eleições de 2012. Com o desmoronamento das instituições do Estado líbio, e uma população civil insatisfeita e fortemente armada, antigas tensões étnicas, raciais e diferenças políticas entre apoiadores remanescentes e não-apoiadores de Gaddafi eclodiram, mergulhando a Líbia em um mar de violência e abusos de direitos humanos, onde diversos crimes de guerra e contra à humanidade foram cometidos por milícias armadas e até mesmos por milícias ligadas ao NTC.<sup>19</sup>

Outro fator conjuntural importante foi a grande desestabilização regional causada pela queda de Gaddafi. Somente em 2011, mais de 500 mil pessoas haviam deixado a Líbia e se refugiado em países vizinhos, o que permitiu também um enorme fluxo de armas nas mãos de contrabandistas. Um desses expoentes foi o caso das milícias Tuaregues, que após a morte de Gaddafi e a perda da aliança e benefícios que possuíam com o governo, retornaram para região do Sahel, mais especificamente para o norte do Mali. A partir daí, o que antes era apenas um grupo étnico marginalizado, se tornou uma milícia rebelde altamente armada e treinada com o intuito de criar um novo país na região. Isso desencadeou uma guerra de secessão no Mali, permitindo a declaração, pelos rebeldes Tuaregues,



da independência de um novo Estado e a infiltração do grupo jihadista Al-Qaeda no Magrebe Islâmico (AQIM), que representaria mais um fator para a desestabilização na região.<sup>20</sup>

Segundo Beccaro (2020), em março de 2012, um grupo de líderes tribais fundou o Conselho de Transição de Cirenaica (CTC), posteriormente renomeado como Conselho da Cirenaica na Líbia (CCL). As principais demandas do CCL incluíram a transformação da Líbia em um estado federal com um governo parlamentar regional. Tal solução foi, no entanto, contestada por alguns grupos porque daria à Cirenaica o controle das receitas do petróleo<sup>21</sup>.

No que se refere a grupos islâmicos, o Ansar al-Sharia na Líbia (ASL) é um dos maiores grupos armados da Líbia, surgido após a eclosão da Primavera Árabe, em 2012. Alguns membros pertenciam ao Grupo de Combate Islâmico da Líbia (LIFG, na sigla em inglês) que existia no país antes dos conflitos de 2011. Suas principais bases estão localizadas em Benghazi, Derna e Sirte, desde 2012. O Ansar al-Sharia lutou sob uma coalizão descentralizada chamada Conselho Shura dos Revolucionários de Benghazi. Seus principais alvos foram as forças da Operação Dignidade, promovida pelo general Haftar (será abordado mais adiante) em maio de 2014, nacionalistas, movimentos de orientação secular e o ISIS<sup>22</sup> (como alguns membros do Conselho Shura se recusaram a prestar fidelidade ao líder do ISIS, Abu Bakr al-Baghdadi)<sup>23</sup>. O grupo é uma

coalizão de grupos islâmicos e salafistas ativos principalmente no leste da Líbia. Seus membros lutam sob diferentes formações de alianças, principalmente contra as forças de Haftar e, cada vez mais, contra grupos islâmicos rivais. O Ansar al-Sharia, em suma, possui diferentes facções associadas com diferentes tendências jihadistas.<sup>24</sup>

Novamente, em meio a sucessivas tentativas de instalar um governo eficaz, o vácuo de poder se prolongou na Líbia e as milícias armadas e grupos étnicos começaram a se associar a grupos jihadistas, como Al-Qaeda e ISIS. Embora o ISIS tenha sido um dos últimos grupos a ocupar um espaço de poder dentro da Líbia, sua atuação se expandiu rapidamente, com o envio de combatentes experientes que haviam atuado anteriormente na Síria e no Iraque, e sua alta capacidade de recrutar membros de tribos locais e milícias islâmicas, o que permitiu instalar uma base sólida no país<sup>25</sup>. Como Beccaro (2020) afirma:

Em abril de 2014, um grupo desses combatentes estrangeiros da Líbia, denominado Brigada Bataar, voltou para Derna, juntando-se ao “*Islamic Youth Shura Council*”. Em outubro de 2014, eles juraram lealdade a al-Baghdadi que, após aceitar o grupo, criou a primeira província do ISIS na Líbia (Wilayat Barqa), que também foi a primeira província do ISIS fora do Iraque e da Síria, e enviou três de seus funcionários para lá, incluindo Abu Nabil al-Anbari (Chivvis 2016), que se tornou o primeiro líder do ISIS na Líbia.<sup>26</sup>

Contudo, em julho de 2015, um ano depois de sua inserção no país, uma revolta contra o ISIS eclodiu após a morte de um oficial da Al-Qaeda ligado a uma milícia local, e o grupo perdeu o controle da cidade de Derna, localizada no leste da Líbia, mantendo, ainda assim, alguns grupos armados do seu lado. No caso de Sirte, o ISIS estabeleceu sua base em janeiro de 2015. Nesta cidade, a facção foi capaz de estabelecer uma presença no Centro de Conferências de Ouagadougou<sup>27</sup>, devido às ligações tribais do ASL a ex-funcionários de Gaddafi. Neste sentido, o ASL tornou-se um meio para o ISIS obter informações sobre possíveis novos recrutas nas comunidades. A atuação do ISIS em Sirte aproveitou a fraqueza das milícias locais, assim o grupo foi capaz de dar apoio e ser apoiado por alguns ex-membros do regime e, em seguida, de canalizar estrangeiros combatentes dos teatros de guerra do Oriente Médio para a Líbia<sup>28</sup>. Em maio de 2016, o Governo do Acordo Nacional (GNA), que será tratado no seguinte tópico, iniciou uma ofensiva contra os militantes do ISIS em Sirte. Após três meses, os EUA ofereceram apoio aéreo e naval ao GNA, o que contribuiu para a recuperação total da posse da cidade em dezembro do mesmo ano.<sup>29</sup>

No caso da Al-Qaeda, segundo fontes internacionais, o grupo já estava presente no país desde o início do conflito em 2011. Grobbelaar e Solomon (2015) citam:

A presença da Al-Qaeda na Líbia foi relatada nos primeiros estágios da Revolução, provavelmente por causa das ações violentas dos rebeldes e do discurso jihadista islâmico, que o regime de Gaddafi tentou atribuir à Al-Qaeda. O governo de Gaddafi logo no início acusou a Al-Qaeda de instigar a rebelião, apontando para os ex-líderes do Grupo de Combate Islâmico da Líbia como orquestrando uma insurgência islâmica para criar um emirado islâmico no leste da Líbia, especialmente em Darnah, uma cidade famosa por suas exportações de jihadistas.<sup>30</sup>

Por meio do conflito líbio ocorreram várias ramificações da Al-Qaeda. A Al-Qaeda no Magrebe Islâmico (AQIM), por exemplo, é uma facção militante jihadista-salafista, considerada como organização terrorista estrangeira, sediada principalmente na Argélia e



Praça do Tribunal em Benghazi. Autor: Bernd.Brincken. 19 abr. 2011.  
Fonte: [https://en.wikipedia.org/wiki/File:Bengasi\\_court\\_square\\_0824b.jpg](https://en.wikipedia.org/wiki/File:Bengasi_court_square_0824b.jpg)

operando nas regiões do Saara e do Sahel na África. Sua origem se deu na década de 1990, na guerra civil da Argélia, afiliando-se à Al-Qaeda e com ambições regionais. Após a queda de Gaddafi, a AQIM expandiu seu recrutamento até o norte do Mali, por conta das milícias tuaregues que retornaram ao país, com o intuito de criarem o Estado de Azawad.<sup>31</sup> Sendo assim, a atuação da Al-Qaeda na Líbia estava muito mais focalizada no recrutamento de tribos e milícias e nas redes de tráfico de armas, e resultou na desestabilização geral na região do Sahel, com sua expansão da Líbia para outros países.

## SEGUNDA GUERRA CIVIL LÍBIA E KHALIFA HAFTAR

Em julho de 2012, a Líbia teve suas primeiras eleições realizadas levando a transferência de poder do NTC para o Congresso Geral Nacional (GNC) eleito democraticamente (com duração entre 8 de agosto de 2012 e 4 de agosto de 2014), dissolvendo assim formalmente o NTC<sup>32</sup>. As eleições trouxeram à tona diversos atores políticos e originou uma discussão sobre como o futuro estado da Líbia determinaria o papel dos ex-membros do regime de Gaddafi, bem como qual o papel que os rebeldes anti-Gaddafi teriam no recém-nascido setor de segurança do país. Como Eriksson (2016) cita:

Em princípio, os partidos islâmicos mais conservadores do GNC existentes em Trípoli se alinharam com os revolucionários *thumar* da Líbia. Estes evocaram para a lei de isolamento político, uma lei que diz que nenhum ex-oficial das forças armadas poderia ocupar um novo cargo dentro do exército (Gaddafi criou essa lei para evitar possíveis alinhamentos militares contra seu governo) efetivamente pedindo a exclusão de ex-partidários do regime de Gaddafi de cargos governamentais. Eles trabalharam ainda mais para colocar em movimento a Comissão de Integridade e Reforma (junho de 2013) que buscava identificar e excluir membros do exército leais ao regime de Gaddafi.<sup>33</sup>

Essas ações trouxeram uma enorme insatisfação para ex-membros da elite líbia e opositores nacionalistas de um governo islâmico, como a Câmara

dos Representantes (HoR, na sigla em inglês). Assim, ataques armados continuaram a acontecer em todo o país. Um dos movimentos militares mais significativos nesse cenário foi o ataque do general Khalifa Haftar em 16 de maio de 2014, quando as forças do então autodenominado Exército Nacional da Líbia (LNA), por ele comandadas, lançaram uma ofensiva aérea e terrestre em grande escala com o codinome Operação Dignidade (também conhecida como Operação Karama) contra a coalizão islâmica em Trípoli. O objetivo da Operação era neutralizar o ramo líbio da Irmandade Muçulmana e outros movimentos conservadores islâmicos<sup>34</sup>. Assim, Carboni e Moody (2018) resumem:

A segunda guerra civil da Líbia, que estourou em maio de 2014, colocou duas administrações políticas rivais uma contra a outra pelo controle de recursos e autoridade. Estes são a Câmara dos Representantes (HoR) com sede em Beida e o GNC com sede em Trípoli. Cada um desses parlamentos ganhou o apoio de fato de grupos armados fragmentados que oferecem segurança em troca de concessões. Estes grupos surgiram durante ou após a revolução de 2011 e muitos tiveram suas origens no aparato de segurança do governo de transição após a derrubada de Muammar Gaddafi.<sup>35</sup>

Após um confronto de seis semanas, a coalizão *Libyan Dawn*<sup>36</sup> emergiu vitoriosa e de fato reinstaurou o que restava do GNC e, com base nele, formou um “governo de salvação nacional” e exigiu que o HoR fosse dissolvido, pois representava uma ameaça ao GNC. Com isso, a Líbia ficou dividida entre dois parlamentos rivais. Enquanto o governo, apoiado pela maioria do HoR recém-eleito, mudou-se para Tobruk, os membros e partidos políticos que reconheceram o GNC permaneceram em Trípoli. O governo de Tobruk foi reconhecido pela maioria dos membros da comunidade internacional, embora o governo de Trípoli tenha de fato recebido apoio legal do Supremo Tribunal líbio, com isso vários atores internos e externos começaram a tomar seus lados. Em outubro de 2014, o HoR em Tobruk aliou-se oficialmente a Haftar e seus homens. Durante o restante de 2014 e os primeiros meses de 2015, o conflito

continuou a se desenvolver com vários ataques ocorrendo contra cada bloco e seus apoiadores. Uma importante virada nos eventos veio com o envolvimento armado de países da região por conta de seus interesses na Líbia, por exemplo os Emirados Árabes Unidos e o Egito, que lançaram ofensivas em Trípoli e Derna.<sup>37</sup>

Em 17 de dezembro de 2015 o Governo do Acordo Nacional (GNA) foi formado sob os termos do Acordo Político da Líbia (LPA), uma iniciativa liderada pelas Nações Unidas. O acordo foi aprovado por unanimidade pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas através da adoção unânime da resolução 2259 (2015), que endossou o Comunicado de Roma, de 13 de dezembro, para apoiar o Governo de Acordo Nacional como o único governo legítimo da Líbia. Tal governo, que deveria ser baseado em Trípoli, era “urgentemente necessário” para fornecer à Líbia os meios para manter a governança e promover a estabilidade e o desenvolvimento econômico, enfatizou o Conselho<sup>38</sup>. Em 2016, o Governo do Acordo Nacional tinha 17 ministros e era liderado pelo Primeiro-Ministro Fayez al-Sarraj. Depois de março de 2016, o conflito entre os dois parlamentos rivais, a Câmara dos Representantes da Líbia (HoR) e o Congresso Nacional Geral (GNC), se intensificou. Apesar de apoiar anteriormente o GNA, a Câmara dos Representantes da Líbia retirou seu reconhecimento, votando contra ele no verão de 2016 e se tornando sua rival para governar o país. Com isso, desde 2016, quatro organizações disputam o poder e a legitimidade para governar a Líbia: a Câmara dos Representantes da Líbia (HoR), com sede em Tobruk, com o apoio militar das milícias salafistas e do General Khalifa Haftar comandante do Exército Nacional Líbio (LNA); o Governo do Acordo Nacional (GNA), internacionalmente reconhecido, com apoio do então criado Exército Líbio; o Conselho Shura dos Revolucionários de Benghazi, liderados pelo Ansar Al-Sharia e com apoio de diversas milícias islâmicas e jihadistas que possuem ligações com a Al-Qaeda; e o Estado Islâmico do Iraque e do Levante da Líbia (ISIS). Essas quatro facções lutam por territórios e o apoio das tribos e grupos armados locais<sup>39</sup>.



Khalifa Haftar, um ex-general aposentado de 73 anos, era um dos comandantes militares que apoiaram o coronel Muammar Gaddafi em seu golpe de 1969 contra o Rei Ídris. Na década de 1980, Haftar desertou do exército líbio e, apoiado pela Agência Central de Inteligência dos EUA (CIA), formou a ala militar da Frente Nacional para a Salvação da Líbia (LFD) para derrubar Gaddafi. Tendo sido incapaz de fazer isso, Haftar mudou-se para Virgínia, Estados Unidos, em 1991, reemergindo para liderar as forças rebeldes contra Gaddafi em 2011. Depois que Gaddafi foi expulso e morto, Haftar acusou grupos islâmicos, incluindo a Irmandade Muçulmana, de tentar dominar o país, caracterizando-os como terroristas. O Exército Nacional da Líbia é maior e melhor organizado do que a coalização do *Libya Dawn* e as forças armadas do GNC, mas sua coesão depende dos acordos entre uma grande variedade de tribos unidas apenas em oposição a essas duas forças<sup>40</sup>. Em março de 2015, Haftar recebeu oficialmente o comando do LNA dado pela Câmara dos Representantes. As forças do LNA consistem basicamente em 25 mil homens divididos entre milícias salafistas denominadas Madkhali, mercenários sudaneses do Exército de Libertação do Sudão (Minnawi), Movimento de Libertação do Sudão (al-Nur), mercenários chadianos da Reunião das Forças Democráticas e mercenários russos do *Wagner's Group*.

No início de julho de 2017, Haftar anunciou em um discurso televisionado que suas forças haviam finalmente assumido o controle total de Benghazi,



General Khalifa Haftar. Autor: Magharebia. 25 abr. 2011.

Fonte: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:General\\_Haftar.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:General_Haftar.jpg)

a segunda maior cidade da Líbia<sup>41</sup>. Com isso, Haftar expandiu sua influência e popularidade com o povo líbio, aumentando sua rede de apoio entre as tribos, e dando continuidade à suas campanhas militares. Com certeza, uma de suas vitórias mais marcantes foi à conquista da região de Fezzan no começo de 2019, lugar onde se encontram as maiores fontes de petróleo e água da Líbia. O principal obstáculo na região foram os Tubus, um grupo étnico não árabe que constitui uma população minoritária e consideravelmente bem armada em todo o sul da Líbia. Os Tubus eram inicialmente aliados ao LNA, contudo, por diversos fatores acabaram por declarar seu apoio ao governo de Trípoli. Com o intuito de desmobilizar as milícias Tubus, Haftar procurou cooptar certos grupos árabes, como o Awlad Suleima e tribos Magarha. Sendo assim os grupos armados Tubus, agora em menor número e desinteressados em obstruir a conquista do LNA, cederam suas posições em Sebha como um “gesto de boa vontade” e se realocaram mais ao sul como afiliados ao LNA. A incursão a Fezzan teve diversos objetivos políticos e estratégicos, entre eles liberar o al-Sharara, o maior campo de petróleo da região, que havia sido bloqueado durante três meses por grupos armados locais, e causado um inconveniente principalmente para alguns atores internacionais. Outro objetivo foi limitar o potencial de grupos rebeldes chadianos estacionados no sul da Líbia, um interesse principalmente da França. Além de aumentar a imagem do LNA como um representante mais legítimo da população líbia do que o GNA, Haftar buscava alcançar uma maior legitimidade internacional<sup>42</sup>.

Embora Haftar afirme ser o único capaz de unir e estabilizar a Líbia, as ações em Fezzan demonstram na prática o contrário. Em junho, com as fortes chuvas na região e diversas inundações, desencadeou-se um processo de crise humanitária na região, com mais de 1.000 moradores deslocados, todos os estoques de alimentos destruídos, fontes de água contaminadas e telecomunicações encerradas na região. Embora as tribos locais tenham se mobilizado para minimizar os danos, Haftar ofereceu pouca assistência prática, sinalizando um desejo de não investir pesadamente no setor de segurança da área<sup>43</sup>.

No começo de abril de 2019, Haftar iniciou sua incursão em Trípoli contra o GNA, atacando a cidade pelo Sul e realizando uma série de bombardeios aéreos. Segundo o porta-voz do LNA, a missão tinha o intuito de “libertar a pátria do terrorismo”<sup>44</sup>. Em agosto do mesmo ano, um ataque aéreo a um centro de detenção de imigrantes e refugiados deixou 40 pessoas mortas e 80 feridas, sendo atribuído às forças de Haftar e caracterizado pela comunidade internacional como um crime de guerra<sup>45</sup>.

No começo de 2020, o GNA e as forças de Haftar haviam acordado um cessar-fogo mediado pelos presidentes russo Vladimir Putin e turco Recep Erdogan, contudo, nenhuma das partes seguiu o acordo estritamente, realizando ataques esporádicos às forças inimigas<sup>46</sup>. No mês de abril as tropas da GNA retomaram cidades estratégicas localizadas a oeste de Trípoli, incluindo Sabratha, Surman e al-Ajaylat<sup>47</sup>. No dia 27 do mesmo mês, Khalifa Haftar declarou que aceitava o “Mandato” do povo para descartar o Acordo Político da Líbia (LPA) de 2015, e capacitar o Comando Geral do Exército Nacional Líbio (LNA), a força militar que ele dirige, para se tornar responsável pelas instituições de governo do país. Em seu discurso, Haftar citou repetidamente “a vontade do povo líbio” e o “Mandato”, que ele afirma que lhe foi dado. Estas foram referências a um discurso quatro dias antes, no qual ele havia chamado o povo líbio e conselhos locais para rejeitar o LPA e escolher qual instituição deveria governá-los. Nos dias seguintes, diversos conselhos locais e grupos tribais convidaram as forças lideradas por Haftar para assumir o controle das instituições do país. O general usou essas ligações para afirmar que sua proposta política possui um amplo apoio popular.<sup>48</sup>

Em maio de 2020, membros do grupo paramilitar russo *Wagner*, foram acusados de utilizarem um produto que afeta o sistema nervoso em um ataque contra as forças armadas do GNA caracterizando mais um crime de guerra realizado pelas forças pró-LNA. Tropas aliadas a Haftar também bombardearam o Aeroporto Internacional de Mitiga, que estava em funcionamento, destruindo diversas aeronaves<sup>49</sup>. Em contrapartida o GNA realizou uma ofensiva e conseguiu retomar diversas

idades, anteriormente nas mãos do LNA, incluindo Watiya, uma base aérea estrategicamente importante, com a ajuda de forças da Turquia<sup>50</sup>.

Essencialmente, ao traçar a linha de ação de Kalifa Haftar, observa-se que majoritariamente trata-se de uma estratégia muito parecida a de Muammar Gaddafi: a de dividir para conquistar. Durante seu processo de expansão militar, Haftar promoveu conflitos tribais para desestabilizar ainda mais as regiões e, quando conveniente, promovendo um discurso nacionalista entre as comunidades, ou se associando a milícias islâmicas, como citado anteriormente. Todas as ações são movidas pelo interesse de expandir

sua influência e conquistar regiões em detrimento da influência do GNA.

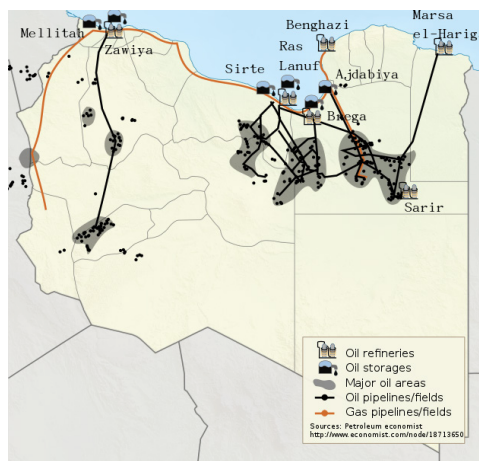
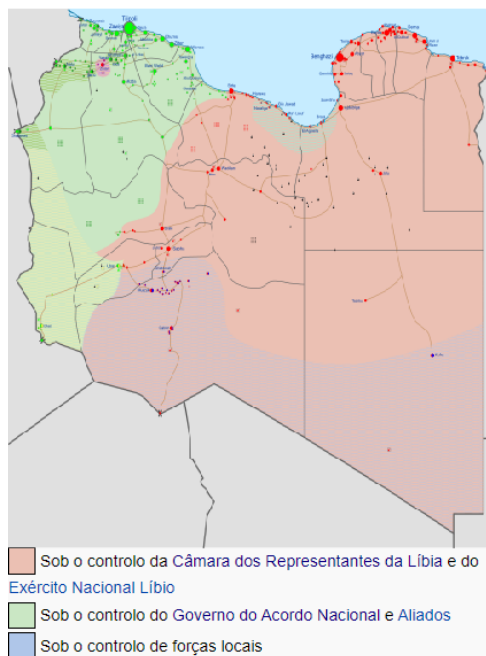
### A POSTURA DOS ATORES EXTERNOS

Frente a uma Líbia submersa em um conflito civil violento e completamente fragmentada política, cultural e socialmente, é impossível deixar de notar a influência das forças internacionais. O aumento do domínio do Gen. Khalifa Haftar não se deu sozinho, por meio das estratégias explicitadas anteriormente, e nem da noite para o dia. Enquanto o Governo do Acordo Nacional (GNA) é apoiado pela ONU e por países como Turquia, Itália e Catar, o Exército Nacional Líbio (LNA), liderado por

Haftar, recebe financiamento de países como Egito, Emirados Árabes Unidos (EAU) e Rússia<sup>51</sup>. Cada um desses países financia seus respectivos apoiados a sua maneira. Por exemplo, o Comando dos Estados Unidos para a África afirma que a Rússia está enviando mercenários para lutar junto às tropas de Haftar e, apesar de o governo russo negar oficialmente o apoio, o país continua vetando no Conselho de Segurança da ONU a condenação do LNA por crimes de guerra, além de ter reportado o envio de mais de doze jatos de combate para um “grupo militar privado” no país. A Turquia, que apoia o GNA, envia soldados, armas, drones e defesa aérea. O interesse de ambos os países em apoiarem as partes beligerantes na Líbia são quase claros: a manutenção de acordos sobre o petróleo e o gás natural do país, além de, no caso da Turquia, recuperar contratos de construção civil que existiam antes da queda de Gaddafi.<sup>52</sup>

Além dos países citados, o Egito e os EAU se identificam em alguns aspectos com Haftar, no sentido do combate a organizações políticas islâmicas como a Irmandade Muçulmana<sup>53</sup>. Enquanto isso, a França é oficialmente um dos países que apoia e media o processo de paz na Líbia. Entretanto, algumas das ações do governo francês levantam suspeitas a respeito de seu real posicionamento, como o suposto envio de armas às tropas do LNA.<sup>54</sup> Mais recentemente, o Egito começou a se associar a líderes de importantes tribos localizadas na Líbia e a ameaçar uma intervenção militar no país<sup>55</sup>, ganhando notoriedade na participação internacional no conflito.

Diversas tentativas (ineficazes) de cessar-fogo foram realizadas. No início do ano de 2020, foi organizada a Conferência de Berlim, com o objetivo de reunir todos os atores relevantes no conflito para estimulá-los a respeitar o cessar-fogo estabelecido no mês de janeiro e o embargo de armas decretado pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas desde 2011<sup>56</sup>. Algumas semanas após seu estabelecimento, o cessar-fogo foi quebrado, dando continuidade ao conflito em Trípoli. No mês de agosto, o GNA decretou oficialmente um novo cessar-fogo, com o objetivo de restaurar “a soberania do país sobre o território líbio e expulsar forças estrangeiras e mercenários” e de desmilitarizar a





cidade de Sirte, importante ponto do comércio de petróleo no país. O pedido foi recebido pela ONU e por diversos países de maneira positiva<sup>57</sup>, porém, alguns dias após seu anúncio, o LNA o recusou, alegando que mobilizações rivais estariam sendo feitas no interior do país. O porta-voz do exército de Haftar, Ahmed Mismari, afirmou que o acordo seria apenas uma estratégia de marketing do governo da capital e que suas forças estariam preparadas para se defender no caso de algum ataque as cidades de Sirte e Jufra<sup>58</sup>.

## CONCLUSÃO

Os eventos de 2011 desencadearam uma das piores crises humanitárias do século XXI. A Líbia, além de se tornar um país devastado pela guerra e por disputas políticas, étnicas e culturais, se tornou um dos principais epicentros do fluxo de imigrantes e refugiados, tanto para Europa, quanto para o resto do mundo. A desestabilização regional ocorrida no Sahel repercutiu em diversos países da África Ocidental, Central e do Norte, causando outros conflitos armados, seja por causa do fluxo de armas, seja pelo fluxo de rebeldes e milícias armadas.

Quando se observa todo o cenário líbio conclui-se que sempre se tratou de uma região com uma linha extremamente tênue de estabilidade, devido à grande diversidade cultural, étnica e religiosa, que fora explorada por potências estrangeiras em décadas passadas. As consequências desse imperialismo foram fortemente repercutidas nos eventos de 2011 e se estendem até os dias atuais, como se observa no grande interesse de outros países no desenrolar do conflito.

Atualmente, o conflito não possui uma perspectiva a curto prazo, tornando-se cada vez mais difícil as negociações para um cessar-fogo ou um acordo de paz bem estruturado e duradouro.

Forças internacionais, principalmente da ONU, investem no conflito líbio com o intuito de amenizar as sequelas na população civil. Contudo, enquanto os interesses políticos dos líderes de cada grupo não estiverem em comum acordo com a população diversificada

da Líbia, com cada grupo étnico e religioso devidamente representado nas instituições do Estado, o país não conquistará a estabilidade.



Confrontos entre rebeldes e o exército líbio em Al Bayda (2011)

[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Confrontation\\_between\\_rebels\\_and\\_al-Gaddafi\\_in\\_Al\\_Bayda\\_\(Libya,\\_2011-02-17\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Confrontation_between_rebels_and_al-Gaddafi_in_Al_Bayda_(Libya,_2011-02-17).jpg)



Combatentes do GNA em Trípoli (2019). Autor: VOA

Fonte: <https://www.voanews.com/middle-east/living-and-dying-libyas-drawn-out-war>

1 Discentes do Curso de Relações Internacionais da UNESP – Campus de Marília/SP e membros do Observatório de Conflitos Internacionais (OCI).

2 LUZ, Camila. **Primavera Árabe: o que aconteceu no Oriente Médio?** Politize!, 2017.

3 CASE, Benjamin; SIEBENS, James. **The Libyan Civil War: Context and Consequences.** Think International and Human Security, 2012, p. 3.

4 **LÍBIA.** Britannica Escola, 2020. Disponível em: <https://escola.britannica.com.br/artigo/Libia/481738>. Acesso em: 13 de agosto de 2020.

5 CASE, SIEBENS, 2012, p. 4.

6 Idem, p. 5.

7 VANDEWALLE, Dirk. **A history of modern Libya.** Cambridge: Cambridge University Press, 2006, p. 17.

8 Idem.

9 Idem.

10 Idem.

11 CASE, SIEBENS, 2012, p. 7.

12 Idem, p. 08.

13 Idem, p. 16.

14 HENAO, John G. Libia: 4 años después de la intervención humanitaria e el RP2. **Série de Conflitos Internacionais**, v.2, n.5. Marília: OCI, 2015, p. 2.



- 15 AL-SHADEEDI, Al-Hamzeh; EZZEDDINE, Nancy. **Libyan tribes in the shadows of war and peace**. 2019. CRU Policy Brief. Clingendael Netherlands Institute of International Relations. p. 02, tradução nossa.
- 16 SIEBENS, CASE, 2012, p.08, tradução nossa.
- 17 AL-SHADEEDI, EZZEDDINE, 201.
- 18 CASE, SIEBENS, 2012, p. 08, tradução nossa.
- 19 SIEBENS, CASE, 2012.
- 20 Idem.
- 21 BECCARO, Andrea. ISIS in Libya and beyond, 2014–2016. **The Journal of North African Studies**. 2020, DOI: 10.1080/13629387.2020.1747445. p. 07.
- 22 Abreviação, em inglês, de Islamic State of Iraqe and Syria. Em português, conhecido como Estado Islâmico (EI).
- 23 Embora o ISIS e o Ansar al-Sharia sejam uma coalização de grupos extremistas islâmicos que pregam a Shari'a (Lei Islâmica), como possuíam ideais diferentes, principalmente no que se refere à que lado apoiar dentro do conflito na Líbia, tornou-se insustentável um cenário onde ambos pudessem lutar sob uma mesma bandeira.
- 24 ERIKSSON, Mikael. A Fratricidal Libya: Making Sense of a Conflict Complex. **Small Wars & Insurgencies**, 27:5, 2016, p. 817-836, DOI: 10.1080/09592318.2016.1208794.
- 25 BECCARO, 2020, p. 08.
- 26 Idem, p. 09, tradução nossa.
- 27 O Centro de Conferências de Ouagadougou, na verdade, trata-se de um grande complexo de salões de convenções localizado no centro da cidade de Sirte, e se tornou um marco onde jihadistas costumavam se reunir e que posteriormente foi usado como quartel-general pelo Estado Islâmico na cidade.
- 28 BECCARO, 2020.
- 29 Idem.
- 30 ROSENTHAL, J. "The Islamist Plot: The Untold Story of the Libyan Revolution." 2012 apud GROBBELAAR, Alta. SOLOMON, Hussein. The origins, ideology and development of Al-Qaeda in the Islamic Maghreb. **Africa Review**, 7:2, p. 149-161, 2015, p. 154, tradução nossa. DOI: 10.1080/09744053.2015.1030870
- 31 GROBBELAAR; SOLOMON, 2015.
- 32 ERIKSSON, 2016.
- 33 Idem, p. 821, tradução nossa.
- 34 Idem, p. 821.
- 35 CARBONI, Andrea. MOODY, James. Between the Cracks: Actor Fragmentation and Local Conflict Systems in the Libyan Civil War. **Small Wars & Insurgencies**, 29:3, 2018, p. 456-490. DOI: 10.1080/09592318.2018.1455318, tradução nossa.
- 36 Líbia Dawn é um agrupamento de milícias islâmicas e misratanas que atuam principalmente em grandes partes da capital. A aliança da milícia pode ser vista como as «forças armadas» do Congresso Geral Nacional (GNC).
- 37 ERIKSSON, 2016.
- 38 UNITED NATIONS. **Unanimously Adopting Resolution 2259 (2015), Security Council Welcomes Signing of Libyan Political Agreement on New Government for Strife-Torn Country**. 2015. Disponível em: <https://www.un.org/press/en/2015/sc12185.doc.htm>. Date de Acesso: 27. Ago. 2020.
- 39 WIKIPEDIA. **Guerra Civil Líbia (2014–presente)**. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra\\_Civil\\_L%C3%ADbia\\_\(2014%E2%80%93presente\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_Civil_L%C3%ADbia_(2014%E2%80%93presente)).
- 40 STEVENSON, Jonathan. High noon for Libya's Potemkin government. **Strategic Comments**, 23:7, iv-v, The International Institute for Strategic Studies, 2017. DOI: 10.1080/13567888.2017.1364049.
- 41 AL-WARFALLI, Ayman. Libya's eastern commander declares victory in battle for Benghazi. **Reuters**. Disponível em: <https://www.reuters.com/article/us-libya-security-benghazi/libyas-eastern-commander-says-controls-benghazi-idUSKBN19Q2SK>. Data de acesso: 19 set. 2020.
- 42 TOSSELL, Jonathan. Libya's Haftar and the Fezzan. **CRU Policy Brief**. Clingendael Netherlands Institute of International Relations, 2020, p.01-03.
- 43 Idem, p. 05.
- 44 Observatório de Conflitos Internacionais- OCI. **Informativo semanal nº 261**. Disponível em: <http://www.marilia.unesp.br/#!/oci>. Data de Acesso: 28 Ago 2020.
- 45 Observatório de Conflitos Internacionais- OCI. **Informativo mensal nº 65**. Disponível em: <http://www.marilia.unesp.br/#!/oci>. Data de Acesso: 28 Ago 2020.
- 46 Observatório de Conflitos Internacionais - OCI. **Informativo mensal nº 70**. Disponível em: <http://www.marilia.unesp.br/#!/oci>. Data de Acesso: 28 Ago 2020.
- 47 Observatório de Conflitos Internacionais - OCI. **Informativo semanal nº 301**. Disponível em: <http://www.marilia.unesp.br/#!/oci>. Data de Acesso: 28 Ago 2020.
- 48 INTERNATIONAL CRISIS GROUP. **Interpreting Haftar's Gambit in Libya**. 4 may 2020. Disponível em: <https://www.crisisgroup.org/middle-east-north-africa/north-africa/libya/interpreting-haftars-gambit-libya>. Data de Acesso: 3 ago. 2020
- 49 Observatório de Conflitos Internacionais - OCI. **Informativo semanal nº 304**. Disponível em: <http://www.marilia.unesp.br/#!/oci>. Data de Acesso: 28 Ago 2020.
- 50 Observatório de Conflitos Internacionais - OCI. **Informativo mensal nº 74**. Disponível em: <http://www.marilia.unesp.br/#!/oci>. Data de Acesso: 28 Ago 2020.
- 51 ROBINSON, Kali. **Who's who in Libya's War**. Council on Foreign Relations, 2020. Disponível em: <https://www.cfr.org/in-brief/whos-who-libyas-war>. Acesso em: 26 ago. 2020.
- 52 Idem.
- 53 ALLAHOUM, Ramy. Libya's war: Who is supporting whom. **Al Jazeera**, Doha, 09 jan. 2020. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2020/01/libya-war-supporting-200104110325735.html>. Acesso em: 26 ago. 2020.
- 54 ROBINSON, 2020.
- 55 EGYPT seeks support of Libya tribes amid threat of intervention. **Al Jazeera**, Doha, 20 ago. 2020. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2020/08/egypt-seeks-support-libya-tribes-threat-intervention-200820091114854.html>. Acesso em: 26 ago. 2020.
- 56 CONFERÊNCIA para paz na Líbia reforça embargo de armas. **GI**, Brasil, 19 jan. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/01/19/conferencia-para-paz-na-libia-reforca-embargo-de-armas.ghtml>. Acesso em: 26 ago. 2020.
- 57 LIBYA'S UN-recognized government announces immediate ceasefire. **Al Jazeera**, Doha, 22 ago. 2020. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2020/08/libya-recognised-government-announces-ceasefire-200821101734944.html>. Acesso em: 26 ago. 2020.
- 58 HAFATAR rejects GNA's call for Libya ceasefire. **Al Jazeera**, Doha, 23 ago. 2020. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2020/08/haftar-rejects-gna-call-libya-ceasefire-200823173428282.html>. Acesso em: 27 ago. 2020.

#### SÉRIE CONFLITOS INTERNACIONAIS MAIS RECENTES:

Série Conflitos Internacionais é editada pelo Observatório de Conflitos Internacionais da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC) da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) - Campus de Marília - SP

As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas nesse material são de responsabilidade do autor e não necessariamente refletem as visões do OCI ou da UNESP.

Editor: Prof. Dr. Sérgio L. C. Aguiar  
Diagramação: Gláucio Rogério de Moraes  
ISSN: 2359-5809

Comentários para: [oci@marilia.unesp.br](mailto:oci@marilia.unesp.br)  
Disponível em: [www.marilia.unesp.br/#!/oci](http://www.marilia.unesp.br/#!/oci)

- As disputas marítimas no mar do sul da China: antecedentes e ações militares no século XXI V. 6, n. 1
- A agressão militar da Federação Russa na Ucrânia V. 6, n. 2
- Conflitos no continente americano: Haiti, Nicarágua, Venezuela V. 6, n.3
- O Conflito Separatista no Camarões: Anglófonos e Francófonos V. 6, n. 4
- Os conflitos na região da Caxemira V. 6, n. 5
- A agenda da ONU para as crianças-soldado V. 6, n. 6
- O Conflito Sírio: A Retirada das Tropas Estadunidenses e a Investida Turca Contra os Curdos V. 7, n. 1
- Conflito Entre os Estados Unidos e o Irã V. 7, n. 2
- O conflito entre a Etiópia e a Eritreia V. 7, n. 3
- Extremismo Violento no Sudeste da Ásia V. 7, n. 4